

# CORREIO DO AVEIRO

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
—  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
—  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## O Centenario de José Estevão

Nos homens de principios, a ambição não é um vicio, mas um pensamento; não é um phrenesi pessoal, mas é desejo sensato de ver triumphar esses principios.

JOSÉ ESTEVÃO.

### 1809-1909

Os caracteres superiores e os superiores talentos são aquelles que tem tanta perspicacia para conhecer a verdade como força para propugnar por ella.

JOSÉ ESTEVÃO.



AVEIRO vae celebrar o centenario do seu idolo civico — José Estevão; nada mais legitimo numa cidade que muito lhe deve — nada mais util como motivo suggestionante na formação do caracter da geração futura.

Aveiro já ha muito tinha pago uma parte da sua divida ao seu grande homem — e elle domina-a em bronze na praça nobre do Municipio, na attitudo consagrada de produção tribunicia.

Mas uma estatua, no seu alto pedestal, passa — pela visão familiar de todos os dias — a ser um mero motivo ornamental, e no espirito das gerações vão-se obliterando aquellas reminiscencias entusiasticas que ellas herdaram com o sangue de seus paes, — e o grande homem da geração de 1850, que tinha um altar no peito de cada um dos seus concidadãos, continúa a ser o grande homem para os filhos d'estes, mas o vago grande homem cujos feitos as brumas da lenda esfumam em contornos indecisos; e a sua memoria arrisca-se, muito provavelmente, a viver fossilizada nos cerebros caturras de velhos eruditos.

Ora foi, a meu vér, o sentimento d'estas verdades, que impoz aos elementos intellectuaes d'Aveiro a urgencia de aticar nas aras patrioticas o quasi extincto fôgo sagrado — e eil-os com todo o entusiasmo e muito á pressa a espanjar o heroe para o offerecer magestoso, brunido, suggestionante ás multidões reverentes.

Lançado o rebato festivo, começa a azafama enorme na preparação de festa rija — e para d'ella dar uma ideia não vale a pena mencionar os co-

mesinhos cuidados de *toilette* impostos á cidade e especialmente ao bronze augusto, que vae soffrer uma valente serie de *douches* frias: para lhe lavar o verdete —; lembremos só a farta encomenda de retorica que se fez para Lisboa — e a cronica encômistica do «santo» que o cronista do Burgo, sr. Dr. Jayme de Magalhães Lima, escreveu muito apressadamente, mas com muito brilho e devoção.

E pedimos licença aos patrioticos Aveirenses para fazermos aquelles numeros do programma algumas observações que, creiam, são ditadas pelo interesse que me inspiram os seus legitimos enthusiasmos. — A retorica que queimardes é preciso que seja brilhante, sonora, magnifica — porque a grande alma de José Estevão nesse dia vem habitar o envolvero bronzeo da praça do Lyceu e ouvirá tudo — e nada mais provavel, se lhe offerecerdes a gloria — a voz mediocre d'algum arengador de segunda ordem, do que assistirdes, aterrados, a convulsões de indignação do seu arcaboço de titan, e que sentirdes a voz poderosa, que dominou Garrett, venceu Rodrigo e Costa Cabral e cantou á honra da patria o hymno heroico e formidavel da «Charles et George», animar ainda, nesse dia, a sua lingua de ferro, para vos fulminar e confundir.

Da cronica do sr. Dr. Jayme

de Magalhães Lima direi que é um trabalho de rigorosa orientação moderna, e nas paginas em que estuda o meio psychico onde emergiu a alma do heroe, elle attinge com nitidez e concisão os pontos de vista culminantes d'uma epoca — talvez a mais interessante da historia — e faz-nos conhecer as suas correntes de pensamento e as formas soberbas da sua sentimentalidade, e desdobra á nossa vista a variedade de syste-

dividualidade moral sobre o mundo ambiente, é então que cabe ao seu trabalho com verdade o nome de cronica — mas cronica escripta sob o olhar vigilante do abbade do mosteiro, o qual tem a seu cargo a gloria da Ordem — e faz salientar o *bom* até parecer magnifico, e occulta, disfarça o *mau* com atenuantes e divagações habilidosas.

Ora o sr. Dr. Jayme de Magalhães Lima sabe que José Estevão foi realmente um grande orador e nós tambem assim o cremos — mas parece que elle mal pode dissimular o desgosto de não poder admirarem José Estevão uma poderosa individualidade politica como foram Mouzinho, Rodrigo e Costa Cabral, nem um caracter de dureza diamantina como Herculano, nem uma organização artistica, soberba, complexa e genial como foi Garrett — e deu-me a impressão, caros Aveirenses, que queria occultarvos tudo isto — e que com sincera magua elle olharia

alguem que vos dissesse que Oliveira Martins, o lucido historiador, resumira assim a acção social e politica do tribuno: *foi o primeiro, talvez o unico tenor sincero da liberdade portugueza*. Eu tambem concordo que é pouco para a ideia que vós fazeis d'elle — mas paciencia — é dos livros...

Com isto, carissimos mordomos do centenario, eu não pretendo amesquinhar o vosso

grande tribuno; quiz simplesmente fazer-vos notar que o trabalho do Dr. Jayme vos é precioso neste lance — porque muita gente que lê só sabe que José Estevão foi um *bom tenor*, no dizer de Oliveira Martins, e vós precisaveis de o fazer conhecer tal como vós o julgaes com o coração Aveirense — e foi esse realmente que o cronista nos apresentou. Agradecei ao illustre idealista do Carmo.

E deixae-me, agora, finalmente, comunicar-vos um recio que me afflige a alma... Vós ides realizar uma festa civica á moderna, com cortéjos, luminarias e retorica — mas a alma d'Aveiro — d'Aveiro instinctivo e inculto — não commungará nessas manifestações: os moliceiros de Villar e S. Bernardo, os marnôtos laustres da Beira-Mar, ficarão desapontados se não ouvirem o sino grande de S. Domingos a convida-los a envergar as suas opas da Irmandade para acompanhar o prestito.

Convençam-se, meus caros aveirenses cultos, que para as vossas festas terem um vivo successo local, precisades de cometer uma pequena fraude irreverente e impia — tal como convencer a massa dos vossos patriocios de que José Estevão já é um santo que o sr. P.º José das Freiras canonizou e benzeu — e que figurará na proxima procissão da Cinza, num andorrico, entre os Bem-casados e S. Luiz Rei de França. Então sim, a festa é unanime e sentida e para o futuro os forasteiros da cidade ficarão maravilhados perante a attitudo piedosa dos indigenas da Quinta do Gato que, ao descer a Costeira, tirem o chapéu, poisem o engajo e curvem reverentemente o joelho.

MARIO DE VASCONCELLOS.



## José Estevão

(A sua imaginação)

Notemos, desde já, a feição mais accentuada da imaginação de José Estevão; attente-se no seu caracter e no objecto que preferia. Talvez isso nos inicie na comprehensão da sua força.

Não se detem e espraia na embriaguez dolente de prolongadas cadencias musicas, não se adelgaça em melodias languidas, nem se estende em cavas sonoridades retumbantes. E' viril e austera. Ruge como o estampido d'um roble que se despedaça; não verga como o sibilante ondeante d'um canavial. E' magestosa e grande; não se amesquinha a recortar frivolidades.

Depois, que procura? Os traços comicos dos homens e das coisas, para os expôr ás gargalhadas d'um publico avido de folgança e avesso a tomar a vida a serio? Não. E' evidente que de passagem os toca bastas vezes, accidentalmente; um espirito da sua pujança e uma sensibilidade tão aguda como a sua, que a nenhuma impressão ficam de todo estranhos, percorrem a escala inteira das emoções. Mas são incidentes, verdadeiros incidentes, notas passageiras, em que não insiste nem procura insistir os que a ouvem.

O que a imaginação de José Estevão procura constantemente, o objecto que mais lhe apraz e em que de preferencia se queda e escaeva, é a pintura dos caracteres, a investigação dos nobis moraes que nas acções humanas se occultam e as dirigem. Naquelles mesmos trechos do discurso do Porto Pireu que acabamos de repetir, no extenso rol dos mercadores que enxameiam na praia, cada um leva no rosto, taes quaes elle lh'os estampou, os signaes certos, a indicação segura do credito que merece, das baixesas que praticou e dos contractos infames a que se presta e em que sonha. Com o resto prende-se pouco; não lhe importa a gentileza da figura ou a deformidade do corpo, que a graça ou a fealdade virão do intimo, e é a descobri-lo que se applica com ardor. Os factos e os homens não são coisas que tenham vida sua, na essencia do conceito e arte de José Estevão; hão de tira-la do valor moral que possuirem; e é para o aquilatar que a sua imaginação se exalta a reconstituir factos e homens e lhes põe a nú e em relevo a estrutura.

Junte-se a esta uma outra circumstancia notavel, e estaremos por ventura proximos a penetrar o segredo da magia d'aquella fascinação soberana: —o ataque é habitualmente directo. Ironia, astucias vulpinas, surpresas de flanco, disfarçadas, se por acaso surgem, aqui e além, logo as abandona e troca por arma mais a seu molde. O espirito heroico compadece-se mal com esses engenhos de malicia, invenção de imidos e defeza de covardias

que não se afoitam a entrar em campo raso. Combate peito a peito. Nem procura escudos para o seu, sempre a descoberto, nem tambem se deleita a arranhar o adversario e a cobril-o de sangue á flôr da epiderme, sem lhe tocar as entranhas. Vibra os golpes ao coração, e por isso que lh'os conheciam e sabiam que eram mortaes, por isso os temiam tanto. A ninguém poupava a exprobação d'eros e fraquezas, se se convencia de que tinham sido aggravado á causa publica. Toda a torpeza e mentira desmascarava, sem uma funesta piedade, sem attenuantes nem dissimulações que, no tremor d'uma consciencia persistentemente vigilante, se converteriam de prompto em suspeita de cumplicidade.

Que ha, pois, afinal no fundo de todo esse movimento brilhante da eloquencia de José Estevão? Varrida a arena dos fumos do combate, que ficou de inexpugnável no seu logar, que fortaleza prostou tantos inimigos, e desbaratou e poz em fuga tão numerosas hostes e luzidas? Uma assombrosa intuição moral, a facilidade de lhe imprimir as revelações com uma concisão e uma exactidão maravilhosas, a coragem de as dizer alto na presença d'aquelles a quem mais feriam, a absoluta insepção com que só por amor da patria assim procedia, —eis o segredo do poder dessa voz unica na historia da politica portugueza e grande entre as maiores da humanidade. Se toda a vida de José Estevão «foi uma consequencia rigorosa da sua composição moral», como já notámos, os recursos da sua arte, mais ainda do que o esforço do seu braço, d'ahi tiraram todo o poder de encanto e victoria.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

(Do livro *José Estevão*, 1909).

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. Nesta lide atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cahem no mar d'onde sahiram, no mar de onde eram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attraem as nossas vistas pela lucta que sobre elles se travara? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisficam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.

JOSÉ ESTEVÃO.—Discurso ácerca do apresamento do navio *Charles et George*, (sessão de 14 de Dezembro de 1857).

## Do livro JOSÉ ESTEVÃO

Esboço historico—1863

—:—

Quando a divisão liberal chegava ao Campo de Santo Ovidio, envolvida com os populares que a aclamavam, que abraçavam os soldados e que lhes beijavam as armas libertadoras, viu-se sair da fileira, onde formavam os academicos, um mancebo quasi imberbe, de porte altivo, cabeça magestosa e levantada, que, com os olhos banhados em lagrimas e com o riso convulso de uma alegria superior ás suas forças, se dirigiu com os braços abertos e com os passos mal seguros, para um homem de elevada estatura e já afastado da primavera da vida, que se debruçava sobre os milhares de cabeças dos habitantes do Porto, que cercavam o exercito recémchegado, e procurava com os olhos incendiados e com as feições transformadas pela mais extraordinaria anciedade — um rosto querido entre os dos sete mil e quinhentos valentes que marchavam pela sua frente.

Quando o academico, rompendo a multidão que o separava do espectador ancioso, lhe tocara no hombro; Luiz Cypriano, porque era elle, voltou-se rapidamente, e caindo nos braços do mancebo, gritou —filho! com uma voz que lhe saiu das fibras mais fundas do coração!

José Estevão não podia falar; abraçava e beijava seu pae, e ria, chorava e soluçava, tudo ao mesmo tempo, tudo convulsivamente como o naufrago, que depois de ver despedaçado o seu barco e de lutar corpo a corpo com a furia das ondas, se encontra de repente em terra, seguro pela mão amiga que o arrancou do abysmo no momento em que as forças o desamparavam.

O pae e o filho não tornaram a separar-se naquelle dia. —Luiz Cypriano contou a José Estevão como depois da aclamação de D. Miguel, fóra obrigado a sair d'Aveiro e a refugiar-se no Porto, aonde se conservara homiziado em casa de um seu amigo até ao momento em que a chegada de seu filho e dos seus bravos companheiros lhe restituia a liberdade.

Em seguida quiz o bom pae informar-se de todos os trabalhos porque passara seu filho e dos perigos que correrá; mas elle sempre rebelde em fallar de si e em dar vulto a qualquer dos sacrificios que fazia por alguém ou pela patria, illudiu a pergunta e tratou desviar a conversação, pedindo a seu pae informações exactas de todos os acontecimentos que se haviam dado no continente do reino.

O procedimento barbaro e sanguinario do governo de D. Miguel inspirou-lhe um tal horror, que jurou não se entregar vivo aos soldados do despotismo; e desde então pelejou sempre com a intrepidez do que não receia ficar prisioneiro.

J. A. de Freitas Oliveira.

*A caridade, para mim, deve ser livre, espontanea, instinctiva, livre de toda a suspeita de vaidades humanas. A caridade não admite recompensa, nem galardão, nem menção. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher, e homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas.*

José Estevão — do discurso pronunciado na sessão de 7 de julho de 1861.

## Carta de Theophilo Braga

Para a Associação Commercial d'Aveiro:

Ex.º SENHOR

E' para mim extremamente honroso o convite para tomar parte na celebração do Centenario do glorioso José Estevam Coelho de Magalhães, um dos legitimos vultos historicos que fundaram e luctaram pela reivindicção da liberdade em Portugal. Infelizmente não posso corresponder a uma tão alta distincção; não me é facil deslocar-me de Lisboa no meio de multiplas obrigações que tenho de cumprir, e em que me acho envolvido. Bem sinto esta impossibilidade porque peço uma bella occasião para, de uma tribuna tão alta como é Aveiro em 26 de dezembro, demonstrar como José Estevam luctou com o mais acendrado patriotismo contra os delirios de D. Maria II (*D. Maria Libania*, nome com que se correspondia com (?) servindo inconscientemente os *germanismos* do Cobourgo D. Fernando e do seu conselheiro aulico Diaz (uma especie de Korauski actual.)

Foi José Estevam quem teve o poder de accordar o espirito nacional para a dignidade; e pagou-o com a vida, assassinado traiçoeiramente pelo banho receitado para os devidos effeitos. Quanto mais decorre o tempo, mais o vulto de José Estevam se engrandece como exemplo para a resistencia da nação contra os que a degradam.

Agradecendo a homenagem tão expressiva do convite, procurarei corresponder-lhe aqui em Lisboa com uma conferencia, embora com menor relevo.

De V.

sempre vend.º, dec.º e reconhecido.

Theophilo Braga.

*O governo de um só homem é o governo mais perigoso de todos os governos: é verdade antiga, mas não é mau repeti-la. A liberdade de imprensa e da Tribuna não são feitas para desafogar paixões e contentar ambiciosos: são instituições indispensaveis para oppôr vontade a vontade, parecer a parecer, opinião a opinião, e tirar d'estas opposições as máximas e expedientes de razão, de justiça e de moralidade, com que só se governam os povos.*

José Estevão — do discurso pronunciado na sessão de 14 de dezembro de 1857.

## De Bulhão Pato:

Foi nas luctas grandiosas da «constituente» que José Estevão soltou pela primeira vez a voz na camara dos deputados.

Os pródomos d'aquella extraordinaria eloquencia eram apenas conhecidos dos seus companheiros d'armas no desterro; depois da batalha, nas conversações scintillantes do bivaque, entre os condiscipulos; nas palestras academicas e nas raras lições proferidas no curso de direito.

O imprevisto espanta sempre. Foi o espanto o primeiro sentimento da camara em presença da figura, do gesto, da voz, da inspiração e da palavra do moço tribuno!

Os maiores juriconsultos, estadistas, oradores, homens de letras de Portugal estavam em S. Bento. José Estevão, aos vinte e sete annos, caía de improviso no meio de tão grandes homens — para domina-los e vence-los muitas vezes, — para arrebatá-los sempre!

Incapaz, pela mobilidade e ardor da imaginação, pela mocidade agitadissima, de poder reunir avultada somma de estudos aturados e profundos, José Estevão tinha como que o dom sobrenatural, o *quid* divino da adivinhação.

Ha poucos mezes, o primeiro jornalista de Portugal, Rodrigues Sampaio, que passara largos annos na imprensa, nas commissões, nas sociedades secretas, e na tribuna com José Estevão, dizia-me:

—«Era, realmente, homem extraordinario! Reuniamos-nos ás vezes para resolver negocio grave e intrincadissimo. De todos nós o unico que não sabia uma palavra da questão era José Estevão. Começava disparatando. Passado um quarto d'hora, estava senhor do assumpto, e a primeira luz e o primeiro conselho eram d'elle.»

A voz, que tomara de assalto a admiração da «constituente», ecoou immediatamente por todos os angulos da capital e do paiz. Apesar das gravissimas complicações politicas d'essa epoca, da violencia dos partidos e da exaltação nervosa das paixões, o nome que andava em todas as bocas, mordido na sombra pelos invejosos, abençoado pelas almas nobres, era o nome de José Estevão.

Esse nome, com as palavras «camara», «sessões», «deputados», etc., chegou aos meus ouvidos e picou a minha curiosidade infantil.

Instei com meu pae para que me levasse ás côrtes. Tenho já visto o theatro, e queria ver aquelle outro theatro mais real e não menos cortado de paixões nobres e miseraveis, de lances, de situações, de scenas, de peripecias e principalmente de enredos.

Cedeu ás minhas instancias a lenidade paterna.

Fui um dia a S. Bento. José Estevão tinha a palavra. Aquella figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou-

me gravada no espirito, tão fundamentalmente, que me parece está-lo vendo agora diante de mim.

O cabello fino, basto, anelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete annos, bella e correcta como uma obra de arte nos dias aureos da Grecia, ou nos prodigiosos dias da Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabellos, apartava-se na ponta do queixo, semelhante á barba de Christo nos quadros de Van Dyck.

O rosto pallido; nos transportes da palavra, ora enfiava, como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino, completava a graça e correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpitar quando a paixão o inflamava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar á apostrophe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na immobilitade ameaçadora do nebrí pairando subitamente nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivíssimos, faiscavam como dois relampagos. A bocca era cortada com franqueza para acudir rápida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, resaindo dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos de cabeça energica.

Proporcionadissimas todas as partes da sua estatura. As mãos finas, o gesto de inspirado; a voz com inflexões meigas, terríveis, patheticas, suavíssimas, apaixonadas, arrebatadoras! José Estevão naquella idade com o baptismo do exilio e o baptismo do campo da batalha, acceso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, illuminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo, advogando a causa da humanidade com a boca livre e os pulsos desapertados das algemas da tyrannia, coberto de palmas, nadando em gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra da maxima felicidade a que póde aspirar o homem.

Eu não sabia o que eram «Camaras», nem «deputados», nem o que significavam as palavras «discursos» e «eloquencia», — não comprehendia o que José Estevão dizia, mas não podia tirar os olhos d'aquelle homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada por muito tempo a sua imagem como uma cousa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.

*Juíz só; a julgar só; um rei só, com ministros responsaveis, a executar só; uma camara só, a legislar só; — eis a minha monarchia, eis o meu governo representativo.*

José Estevão — do discurso pronunciado na sessão de 5 de abril de 1837.

Sou inimigo das irmãs da caridade, porque as considero como um ataque ao principio da familia; e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tratar dos enfermos nos diferentes paizes da terra é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus. Este cosmopolitismo não me parece necessario nem util. Um pae desvellado, no ultimo quartel da vida ou no vigor da idade, que tem todas as suas esperanças em que seus filhos, ou filhas principalmente, sejam o seu futuro, vê que as faces se lhes vão descorando, vê que a fronte se lhes inclina para a terra, vê-lhes a tristeza no rosto e inquire-a, interpretando por algum desregramento do coração essa tristeza: «Que tendes filha, que mal vos preoccupa o espirito?» «Nenhum, meu pae, fallou-me Deus, e a Deus entreguei a minha vontade e espirito, que deviam ser vossos. Sou de Deus, que me fez uma lima nas mãos dos seus obreiros, como se vós não fosseis o melhor obreiro; sou de Deus e vou em nome de Deus correr mundo, para limar as asperezas de rusticidade, ensinando os ignorantes, e socorrer os que soffrem, velando junto ao leito dos enfermos.» E o pae ha-de deixa-la ir? Em nome de Deus, não.

Eis como esses padres tratam de atrahir os corações d'essas innocentes virgens. Foi tambem em nome da religião que a inquisição levantava com mão impenitente essas fogueiras, queimando as suas victimas, e não só as suas victimas, mas até os santos instrumentos da doutrina de Deus, os proprios livros da sua santa lei. Não se queima só, queimando as carnes, carbonisando os ossos; queima-se, apartando do coração, desfazendo e levando para longinquas paragens o que elle tem de mais caro.

JOSÉ ESTEVÃO. — Discurso sobre a questão das irmãs da caridade (sessão de 9 de julho de 1861).

## José Estevão

(NOTAS BIOGRAPHICAS)

Os ascendentes de José Estevão — o avô paterno e o pae — viveram em Eixo. O primeiro, Manuel Coelho de Magalhães, natural da Villa da Feira, veio para aqui no ultimo quartel do seculo XVIII, como escrivão do Almojarifado da Casa de Bragança, habitando, pelo menos nos ultimos annos da sua vida, numa casa da rua do Matoito, que ainda hoje existe. Do seu casamento com D. Maria Angelica Ferreira d'Abreu, natural d'Eixo, nasceu Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, pae de José Estevão.

Luiz Cypriano, tendo-se formado em Medicina, ainda aqui exerceu a clinica durante algum tempo, mas em 1804, apoz a morte de seu pae, estabeleceu definitivamente a sua residencia em Aveiro, onde pouco tempo depois desposou a sr.<sup>a</sup> D. Clara Miquelina d'Azevedo. Deste consorcio nasceu José Estevão, a 26 de dezembro de 1809.

Até á idade de nove annos (1) ou de onze (2), viveu José Estevão em companhia de sua avó materna. Só então é que, voltando para casa de seus paes, começou o estudo das primeiras letras. Frequentava com regularidade a escola primaria regida por Custodio José Baptista, mas póde dizer-se que foi seu pae quem o ensinou a ler, não conseguindo

nunca aperfeiçoá-lo na escripta, por que a isso se oppunha a sua notavel negação para a caligraphia.

Aos 16 annos incompletos, tinha José Estevão, concluidos os preparatorios precisos para entrar num curso superior. E, note-se, foi enquanto estudante de logica e de retorica em Aveiro, que o futuro orador compoz, segundo o testemunho de Freitas Oliveira, a sua primeira e unica poesia metrificada, — uma ode que levou quinze dias de trabalho.

Luiz Cypriano consultou o filho sobre a carreira publica que desejava seguir. — José Estevão respondeu: desejo formar-me em theologia, porque quero ser padre. Luiz Cypriano, allegando varias razões, levou o filho a mudar, sem resistencia, de opinião, e em outubro de 1825 teve o prazer de o ver matricular-se no 1.<sup>o</sup> anno juridico.

Em dezembro do anno seguinte organisou-se o batalhão academico em que José Estevão foi um dos primeiros a alistar-se. Começa então, como voluntario, a sua carreira militar, entrando pela primeira vez em fogo na ilha de S. Miguel, a 3 de agosto de 1830, na famosa acção da Ladeira Velha. Mas, quando affirmou toda a sua coragem, toda a sua bravura, de que elle proprio se orgulhava, (1) foi mais tarde, depois do exercito libertador ter abandonado a Ilha Terceira para trazer a liberdade a Portugal, na defeza da Serra do Pilar. Pelos serviços prestados nesta nos dias 13 e 14 de outubro de 1832, que ficaram memoraveis, recebeu José Estevão o grau de cavalleiro da Ordem de Torre e Espada (dec. de 23 de novembro de 1833), e mais tarde, por dec. de 7 de fevereiro de 1834 o grau de official da mesma ordem. É como reconhecimento do seu grande valor e notaveis aptidões para a vida militar foi nomeado 2.<sup>o</sup> tenente de artilharia por decreto de 4 de abril de 1833, sendo promovido a 1.<sup>o</sup> por dec. de 24 de julho do anno seguinte. Foi, pois, já como official, que a 25 de julho d'aquelle anno José Estevão, em defeza da celebre *Flecha dos Mortos*, deu a prova mais completa da sua heroicidade, chegando a bater-se com a espada.

Ao terminarem, em 1834, com a convenção de Evora Monte, as luctas entre D. Pedro e D. Miguel, José Estevão matriculou-se no 3.<sup>o</sup> anno juridico, visto que, como os seus companheiros do batalhão academico, fóra dispensado, por decreto de 8 de março de 1833, do exame do segundo.

Frequentava o 5.<sup>o</sup> anno, quando, por influencia de José Henriques Ferreira de Carvalho e Manuel José Mendes Leite, respectivamente governador civil e secretario geral do districto d'Aveiro, foi eleito deputado, por este circulo, nas eleições para côrtes constituintes de 1836.

Foi uma surpresa para José Estevão, que em janeiro de 1837, depois de haver sido dispensado das aulas da Universidade, partiu para Lisboa.

Fez a sua estreia na sessão de 21 de janeiro e fallou depois na de 24 de fevereiro. Dos discursos pronunciados nestas sessões preparatorias do congresso resta apenas um extracto muito incompleto e imperfeito.

Na sessão de 5 de abril pronunciou o seu primeiro discurso politico, discutindo o projecto da *Constituição*, discurso que bem póde chamar-se á sua profissão de fé politica que resumiu nestas palavras: *Juíz só, a julgar só; um rei com ministros responsaveis, a executar só; um corpo legislativo só, a legislar só; eis a minha monarchia, eis o meu governo representativo.*

Foi na sessão legislativa de 1840 que o talento oratorio de José Este-

vão se revelou completamente medindo-se com Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães e outros adversarios illustres. Datam de então os seus dois notaveis discursos conhecidos pelo nome de *Porto Pireu*.

Deve notar-se que José Estevão nunca revia os seus discursos. D'estes maravilhosos improvisos do poeta da tribuna, diz Pinheiro Chagas, ficou apenas um rapido reflexo nas notas tachigraphicas.

No anno de 1840, precedendo concurso publico, foi José Estevão nomeado professor de Economia Politica para a Escola Polytechnica. Accusaram-no de falta de assuidade e zelo na regencia da sua cadeira. O sr. Marques Gomes perfilha esta opinião, dizendo: «os trabalhos parlamentares e as luctas revolucionarias junto a uma natural negação para o professorado, fizeram com que raras vezes José Estevão regressasse a sua cadeira.» Pelo contrario, Freitas Oliveira, fundando-se em que o tribuno deixou escriptas pelo seu proprio punho muitas lições de Economia, conclue pela falsidade d'aquella accusação, attribuindo-a a «pequenos inimigos».

José Estevão advogou apenas tres vezes, embora, ao deixar a Universidade, pensasse em iniciar no Porte essa carreira, no que foi contrariado pelo pae. Estreiou-se em 1843, defendendo o jornal — *Portugal Velho*, accusado de liberdade de imprensa, e que foi absolvido. Algum tempo depois, defendeu um boticario, accusado de passar uma obrigação de 1 conto de reis a um certo facinora para lhe matar o sogro. Nesta audiencia deffrontou-se com dois dos mais notaveis causidicos d'esse tempo: Paulo Midosi e Pinto Coelho. A victoria coube a José Estevão. Mais tarde, em 1856, poucos dias depois da morte de seu pae, advogou pela primeira e unica vez no tribunal d'Aveiro, como defensor de Alberto Ferreira Pinto Basto e outros cavalheiros de Ilhavo, accusados de terem cometido violencias nas eleições do anno anterior.

José Estevão, que redigira durante algum tempo a *Chronica da Terceira* que principiou a publicar-se em 1830, como jornal da Regencia, fundou em 23 de janeiro de 1838, com Manuel Antonio de Vascellos e Valentim Marcellino dos Santos, o *Tempo* que durou até 24 de agosto de 1839. Para supprir a sua falta, fundou, com Mendes Leite, a *Revolução de Setembro*, cujo 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> saiu a 22 de julho de 1840 e em que collaborou Antonio Rodrigues Sampaio. Em 1859 affastou-se completamente da redacção deste jornal, cuja propriedade vendeu. Passado pouco tempo, fez com que Freitas Oliveira fundasse, em Lisboa, a *Liberdade*, que appareceu a 26 de julho de 1861, e os seus amigos d'Aveiro creassem o *Districto d'Aveiro*, cujo primeiro n.<sup>o</sup> saíu em 2 de julho do mesmo anno. Os artigos-programmas destes dois jornaes foram escriptos por José Estevão.

Parece que os merecimentos do tribuno e os seus revelantes serviços prestados á causa publica lhe deviam dar direito a organizar um ministerio ou, pelo menos, a fazer parte d'elle. Nem uma coisa nem outra. Diz-se que em 1862, numa recomposição do ministerio presidido pelo Marquez de Loulé, foi convidado para tomar conta da pasta do reino, o que não chegou a realizar-se em virtude d'uma intriga propositadamente urdida para esse fim. Algum tempo depois, parece que novamente lhe foi offerecida a mesma parte, mas desta vez impediu-o de a aceitar a morte que o surpreendeu na madrugada do dia 4 de novembro d'aquelle anno.

Se José Estevão tinha ou não os dias contados, é duvidoso. Pelo menos, ha quem affirme que o assassinarão. D'esta opinião é o eminente pensador Theophilo Braga, como se vê da carta que se publica hoje neste jornal.

Este rei (D. Fernando I) fraco e versatil tinha uma filha formosa!... (Garrett — Não era formosa). Não seria: julguei que fosse contra as prerogativas da corôa chamar feias ás princezas: tinha uma filha, como dizia, o nosso fraco e versatil rei D. Fernando I, e promettia a mão d'ella a todos os principes, e por isso com todos elles fazia e desfazia alianças. Afinal, ajustou-se o casamento com el-rei de Castella, e as estipulações d'esta alliança eram-nos vantajosas, podendo em virtude d'ella reunir-se na dynastia portugueza a corôa de Castella. Nesta negociação não teve parte a rainha D. Leonor e meditou logo contrariar-la. Na casa de Lencastre suscitaram-se pretensões á corôa de Castella, e a mão da princeza Beatriz foi logo promettida ao duque inglez, e com ella a ajuda de nossos braços para conquistar o throno de Castella. Estes reciprocos empenhos estipularam-se no tratado de 1373, e o devasso João Fernandes Andeiro foi o seu negociador.

Ha, pois, quasi cinco seculos que os inglezes negociam com as mãos das nossas princezas, que vem ao nosso territorio combater pelos seus interesses, que arrastam os nossos soldados a pelear pelo seu engrandecimento e que vexam nossas povoações com suas violencias; ha quasi cinco seculos finalmente que nos excitam á guerra e que nos desamparam na paz.

A nossa bandeira tremulou nos mares da Africa; ali a espada de nossos capitães avassallou-nos regulos, conquistou-nos terras, e assim ficámos senhores d'um novo e rico manancial de commercio. Os inglezes, como nossos fieis aliados e sinceros amigos, não nos quizeram deixar disfructar sós o resultado de nosso esforço e espirito aventureiro; seus navios começaram a frequentar os portos de Africa e a partilhar do commercio d'aquellas possessões. Isto foi considerado como uma verdadeira intrusão, e deu origem ás mais serias dasavenças e justas queixas da parte dos portuguezes. Para obviar a estes inconvenientes a rainha Izabel negociou connosco o tratado de commercio de 1571, onde se acham estas palavras — *ut perfecta sit amicitia et liberum utriusque commercium.*

Esta mesma rainha Izabel, a quem nunca faltou ferro para se vingar das suas rivaes, e dos inimigos da sua corôa, com manifesta violação do tratado, que mencionou, com quebra de todos os principios do direito das gentes, só porque seus subditos se lhe queixaram de que soffriam violencias e pilhagens no commercio da costa d'Africa feitas pelos portuguezes, mandou formar uma commissão para julgar estas reclamações, ordenando que fosse paga a sua importancia pela propriedade, que nossos negociantes possuissem na Grã-Bretanha.

Ha quasi tres seculos, srz, que os inglezes debaixo do titulo de nossos amigos, procuram arruinar nossos interesses; ha quasi tres seculos que nos prégam a doutrina da liberdade do commercio que nunca seguiram; ha quasi tres seculos que mandam julgar pelos seus tribunales as reclamações que seus concidadãos fazem contra nós e que se assenhoram das nossas propriedades para satisfazerem essas exigencias.

José Estevão.

(1) Vide — José Estevão, apontamentos para a sua biographia, por Marques Gomes (1889).

(2) Vide — José Estevão, Esboço historico, por Freitas Oliveira (1833).

(3) Vide discurso pronunciado na sessão de 23 de março de 1839.

**LIVRARIA FERNANDES**

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

**Ultimas publicações:**

**GRAMMATICA ELEMENTAR**  
DA  
**LINGUA PORTUGUEZA**  
PARA  
USO DOS ALUMNOS  
D-INSTRUÇÃO PRIMARIA  
Elaborada segundo os actuaes programmas  
POR  
**ALBANO DE SOUZA**

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

**PROGRAMMAS D-INSTRUÇÃO PRIMARIA**—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

5.ª edição. . . 400 réis

Para festas das creanças

**Puerilidades**

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

**MANUSCRIPTO**

DAS  
**ESCOLAS PRIMARIAS**

(Illustrado)

por *Angelo Vidal*

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

**Desenho Geometrico dos Lyceus**, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Deposito de Material Escolar**  
Modelos aperfeçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

**Manuscripto das Escolas Primarias**

POR

**Angelo Vidal**

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

**A FAMILIA MALDONADO**

POR

**VIEIRA DA COSTA**

E

**OS TRISTES**

POR

**FRANCISCO BARROS LOBO**

*Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.*

**A B C**

ILLUSTRADO

POR

**ANGELO VIDAL**

À venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

**Bibliotheca Humoristica**

**A RIR... A RIR...**

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

**PUBLICAÇÃO QUINZENAL**

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, cons-

tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacocastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias



**AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA**

LEGALMENTE HABILITADA

DE

**Joaquim L. G. Moreira**

*Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.*

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

**AVEIRO**



PORTO

**TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.**

51, Rua de Sá Noronha, 59

*Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos*

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



**CORREIO DO VOUGA**

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA  
(Pagamento adiantado)

**PUBLICAÇÕES**

Portugal—anno . . . . . 1\$200  
« —semestre . . . . . 600  
Africa —anno . . . . . 1\$500  
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . . 2\$200

Annuncios, por cada linha . . . 10 réis  
Communicados, cada linha . . . 20 »  
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.  
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 1

**CORREIO DO VOUGA**

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Inr.